

### AS MEMÓRIAS DO COLONIALISMO PORTUGUÊS: TESTEMUNHOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO, ISABELA FIGUEIREDO E GRADA KILOMBA

**GUILHERME JOSÉ SCHONS<sup>1</sup>**

#### 1 Introdução

O trabalho abrange a exposição e a reflexão diante de projeto de pesquisa, em desenvolvimento pelo autor, no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – *Campus* Erechim, na linha de investigação Sujeito e Linguagem.

Conceição Evaristo (2018) sustenta que a sua escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande”: seu trabalho pretende incomodá-los em seus sonos injustos. Isabela Figueiredo (2010) define seus relatos por meio do sentimento de traição ao pai colonialista, racista e patriarcal. Grada Kilomba (2019) alude à existência de uma máscara voltada à produção de silenciamento: o colonialismo. Isto é, a literatura, com “teor testemunhal” (Seligmann-Silva, 2003), produzida pelas três autoras é marcada pela ânsia de elaboração a contrapelo (Benjamin, 1985) das memórias de cenários violentos, os quais estiveram calcados na expressão da “vontade genocidiária” (Nichanian, 2009) e da colonialidade de poder, saber e ser (Quijano, 2005). Assim, as fronteiras entre estética e ética tornam-se fluidas (Seligmann-Silva, 2018) – já que elas apresentam o passado, seus fragmentos, ruínas e cicatrizes e entendem o trauma (Caruth, 1995) como vivo no presente: a ferida colonial está aberta.

Ao compreender a escritora brasileira Conceição Evaristo enquanto colaboradora da pesquisa nas dimensões de autora de uma das fontes documentais e também teórica que informa os meus pressupostos teórico-metodológicos, parto da apreensão de um enlace de escrita e vivência/existência que rompe com a dicotomia entre sujeito e objeto; historiador e arquivo. Afinal, se os saberes são corporificados, localizados e parciais (Haraway, 2009), reivindico, com Evaristo (2020), que a escrevivência pode ser assimilada como um fenômeno diaspórico que conecta as vítimas da colonialidade no sentido da interpelação a uma imagem do passado que reedita as dores da catástrofe. Essa linha de raciocínio também se aplica aos

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – *Campus* Erechim. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Graduado em História pela UFFS. E-mail: guilherme.schons@estudante.ufffs.edu.br.

escritos de Isabela Figueiredo, jornalista e professora portuguesa nascida em África. A sua obra, para além de um testemunho da sociedade autoritária do salazarismo/marcelismo em Moçambique, permite conhecer experimento de remissão desse passado. Figueiredo, ao almejar um ajuste de contas com o pai racista, se aproxima da elaboração coletiva das condições de barbárie que forjaram a sua existência como mulher branca nascida em Lourenço Marques (hoje Maputo).

Com semelhante postura crítica do colonialismo, Grada Kilomba (2019), descendente de angolanos e são-tomenses nascida em Portugal e que vive na Alemanha, recupera uma imagem penetrante, o retrato da “Escrava Anastácia”. Tal qual escreve Saidiya Hartman (2020) sobre a Vênus de suas pesquisas em escravidão atlântica, pouco sabemos a respeito dessa mulher torturada, no Brasil, com um pedaço de metal colocado no interior da sua boca e instalado entre a língua e o maxilar com fixação por detrás da cabeça: a única informação gravada nos arquivos – seu nome – fora definida pelos senhores escravocratas. Ao entendermos a ferida dessa máscara como trauma (Caruth, 1995), chegamos a verdades que têm sido negadas – “segredos”, nas palavras de Grada –, como a colonialidade: mas também, como almejo pesquisar em minha dissertação a partir da análise de obras das autoras, a violência da ditadura civil-militar brasileira, o fascismo do Estado Novo português e a constante recriação do cenário da escravização.

A partir desses argumentos, o meu tema de investigação abrange a elaboração pública do trauma colonial, na literatura testemunhal de Conceição Evaristo, Isabela Figueiredo e Grada Kilomba, diante da atualização de violências do passado ibero-ameféricano no tempo presente. Em minha pesquisa, por meio de postura interdisciplinar, cotejarei as discussões de teorias pós-coloniais e decoloniais às escrevivências, que articulam identidades e formas de subjetivação à constituição de uma linguagem, veiculadas em três obras, as quais funcionarão como principais fontes documentais da dissertação a ser defendida no PPGICH/UFFS: *Becos da memória*, *Caderno de memórias coloniais* e *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*.

## 2 Objetivos

Com isso, o projeto pretende analisar as experiências de Conceição Evaristo, Isabela Figueiredo e Grada Kilomba para a elaboração do trauma colonial por meio da literatura testemunhal. Além disso, almejo: examinar os conceitos de escrevivência, escrita de si, memória, história, literatura e teor testemunhal em relação com a linguagem e o campo das ciências humanas; identificar a narração de aspectos da violência relativa à ditadura

civil-militar brasileira em *Becos da memória*, de Conceição Evaristo; perceber as formas de testemunho do colonialismo português em Moçambique no *Caderno de memórias coloniais*, de Isabela Figueiredo; reconhecer os mecanismos de resistência à atualização da ferida colonial em *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, de Grada Kilomba; ler a produção cultural das memórias de Evaristo, Figueiredo e Kilomba com base nas teorias pós-coloniais e decoloniais.

### 3 Metodologia

Assim, opero, em chave interdisciplinar, no exercício de problematização da constituição, pelos sujeitos, de linguagem para a elaboração do trauma colonial mediante recurso à identidade e à subjetividade. Conforme Avelar (2020), ao depoente do horror coube a tarefa de fornecer a prova da violência. Isso é o que Marc Nichanian (2009) chama de “lei do arquivo”, onde a “perversão historiográfica” seria a ofensa realista ao testemunho (sendo que a própria “vontade genocidiária” buscara a anulação da facticidade do fato pela morte da testemunha). Aquém de uma “insultante função realista” (Nichanian, 2009), não quero seguir as ordens dos perpetradores da barbárie: não se trata de uma questão de prova, mas sim da libertação do testemunho das refutações do poder tendo em vista sua inscrição como monumento em prol da inarquivabilidade do enunciado (Agamben, 2008). Ou seja, não pretendo comprovar as escrevivências de Evaristo, Figueiredo e Kilomba. Meu anseio está para além disso: quero ler, por intermédio das teorias pós-coloniais, um diálogo atento aos efeitos da colonialidade no Império português diante das experiências de elaboração do trauma.

### 4 Resultados e Discussão

Tendo em vista que o ingresso no Mestrado foi há poucas semanas, compartilho aqui a projeção de capítulos – sobre os quais me debruçarei na escrita ao longo dos próximos meses. Por meio dos referenciais citados e de abordagem qualitativa, bibliográfica e documental, prevejo, com base nos objetivos apresentados, a escrita de cinco capítulos – os quais buscarão situar a pesquisa e os marcos teóricos (introdução); aludir ao *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, e à sua inserção na ditadura civil-militar brasileira (capítulo dois); tratar do *Caderno de memórias coloniais*, de Isabela Figueiredo, e da política ultramarina do Estado Novo português em Moçambique (capítulo três); examinar o *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* e a reinvenção do passado colonial discriminatório no espaço europeu (capítulo quatro); e promover discussão entre as autoras no

momento em que analisarmos os efeitos, em termos de discurso, identidade e linguagem, da dominação eurocêntrica e da permanência da ferida colonial, enquanto trauma (Caruth, 1995) atualizado no presente.

### 5 Conclusão

Em todo caso, apesar de o exame em nível de pós-graduação estar em fase inicial, a pesquisa é desdobramento de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Graduação em História da UFFS – *Campus Erechim* (Schons, 2024). Com isso, registro que o meu argumento parte da percepção de que, uma vez que as autoras, desde pontos de vista diferentes, localizados e parciais, se aproveitam de suas trajetórias pessoais e familiares para sacudir essas cicatrizes insistentes e apresentar discursos que subvertam os desejos do poder pelo silêncio, é possível perceber os propósitos éticos e políticos de seus textos na história do tempo presente e que, com isso, as aproximam de uma virada testemunhal no saber histórico, a qual conecta as vítimas do colonialismo para a oposição a eventos que intentam reeditar as suas dores, como são os casos do desfavelamento e da brutal exploração sexual e trabalhista negra, aludidos nos documentos lidos. Dessa forma, com base em referenciais do pensamento pós-colonial, comprehendo que as obras denunciam tempo mais amplo de horror acoplado a condutas patriarcais e racistas e, portanto, anunciam projeto incompleto que aponta a urgência de se colocar o dedo na ferida colonial e escovar a história ibero-americana a contrapelo.

**Palavras-chave:** colonialidade; Ibero-América; literatura; testemunho; trauma.

**Financiamento:** Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

### Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**: o arquivo e a testemunha. São Paulo: Boitempo, 2008.

AVELAR, Alexandre de Sá. Pós-memória e narração do passado em: O espírito dos meus pais continua a subir na chuva. In: FREDRIGO, Fabiana de Souza; GOMES, Ivan Lima (org.).

**História e trauma:** linguagens e usos do passado. Vitória: Editora Milfontes, 2020.

BENJAMIN, Walter. As Teses sobre o Conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-232.

CARUTH, Cathy. **Trauma**: explorations in memory. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1995.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 27-46.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

FIGUEIREDO, Isabela. **Caderno de memórias coloniais**. 4. ed. Coimbra: Angelus Novus, 2010.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 1, n. 5, p. 7-41, jan. 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 02 out. 2023.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 12-33, 24 dez. 2020. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/27640](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640). Acesso em: 02 jul. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NICHANIAN, Marc. **The historiographic perversion**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2009.

QUIJANO, Aníbal. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires; Clacso, 2005.

SCHONS, Guilherme José. **Memórias de duas ditaduras ibero-ameféricanas**: Brasil, Moçambique e Portugal nas escrevivências pós-coloniais de Conceição Evaristo e Isabela Figueiredo. 2024. 102 f. TCC (Graduação) - Curso de História, *Campus* Erechim, Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2024. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/7751>. Acesso em: 20 set. 2024.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura**: o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2018.